

Ut pictura poesis, ut poesis pictura:
aspectos visuais da correspondência de Monteiro Lobato

Emerson Tin
FACAMP – Faculdades de Campinas

Resumo

Monteiro Lobato (1882-1948), além de consagrado autor de uma vasta obra dedicada ao público adulto e infantil, também manteve uma copiosa correspondência ao longo de toda sua vida. Além disso, manteve em paralelo um grande interesse pelas artes plásticas, sobretudo a pintura e a fotografia. Em várias de suas cartas, incluiu desenhos e ilustrações que ora tinham uma existência independente do texto em que surgiam, ora mantinham estreito diálogo com o conteúdo nele veiculado. O objetivo deste trabalho é analisar a interação entre texto e imagem em alguns exemplares da correspondência lobatiana, sob a perspectiva de algumas das concepções plásticas do escritor.

Como se sabe, Monteiro Lobato (1882-1948), além de escritor, também era desenhista – há trabalhos seus publicados em revistas como *Fon-Fon*, por exemplo – e pintor – o CEDAE (Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio), da UNICAMP, recebeu, entre as doações da família de Monteiro Lobato, várias de suas aquarelas. Aliás, é mais do que conhecida a nota biográfica que ilustra sua juventude: a de que Lobato pretendia seguir a carreira das Artes Plásticas, no que foi contrariado pelo avô, o Visconde de Tremembé, que queria – e conseguiu – ver o neto advogado. A veia pictórica de Lobato, todavia, não deixava de se manifestar em sua correspondência.

Pode-se aplicar a ela, assim, a célebre máxima de Horácio que, num dos versos de sua *Arte poética*, referiu-se à poesia como pintura: *ut pictura poesis* (ou a poesia é como a pintura, em português). “Essa famosa máxima deriva da *Ars poetica* de Horácio (361): atualmente é mencionada na maioria das vezes para indicar que as duas artes têm leis semelhantes”¹. Poesia e pintura, texto e imagem têm leis semelhantes, mantêm semelhanças entre si. E, no caso específico de Monteiro Lobato, essa ligação não se constitui num puro acaso.

Além da já referida propensão às Artes Plásticas, Monteiro Lobato, durante toda sua vida, nunca abandonou a relação que mantinha com as artes visuais. Aliás, o próprio Lobato chegou a afirmar, por vezes, que não era literato, mas pintor, como podemos ler em carta a Godofredo Rangel datada de 06 de julho de 1909: “No fundo não sou literato, sou pintor. [...] nada mais tenho feito senão pintar com palavras. Minha impressão é puramente visual”². Não é demais lembrar, além de tudo isso, que o próprio título de sua coletânea de cartas a Rangel – *A barca de Gleyre* – nasceu de uma descrição que Lobato havia feito, a partir da leitura de uma página de Taine, de um dos quadros de Charles Gleyre³.

¹ TOSI, Renzo. *Dicionário de sentenças latinas e gregas*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p.86.

² LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1964, t.1, pp. 251-252.

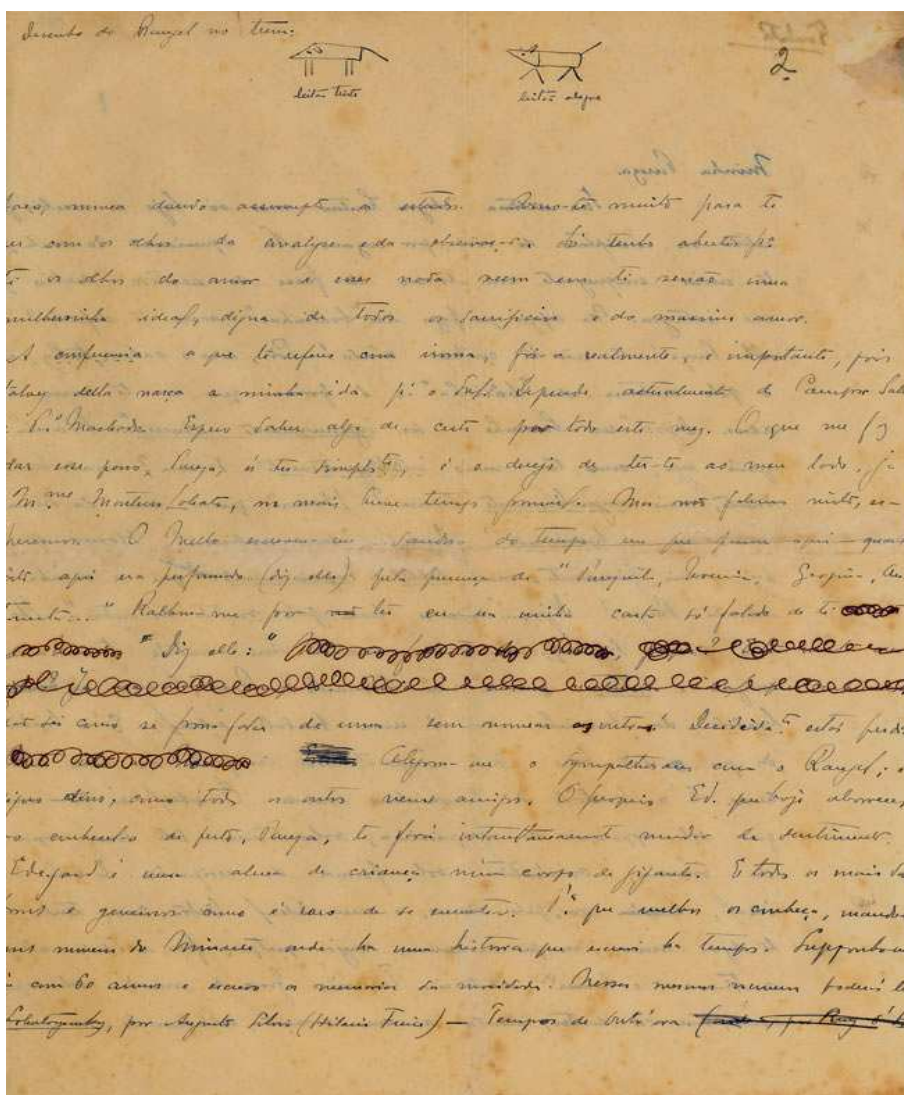
³ Para mais informações, v. TIN, Emerson. *A barca de Gleyre: uma metáfora para a viagem epistolar de Monteiro Lobato e Godofredo Rangel*. *Intersecções – Revista de Estudos sobre Práticas Discursivas e Textuais*, v.1, p. 1-10, 2008. Disponível em: http://www.anchieta.br/unianchieta/revistas/interseccoes/artigos/Rev_Inter_Emerson_pdf.pdf
Acesso em: 29 ago. 2010.

Nesse sentido, podemos encontrar, na correspondência lobatiana, algumas cartas em que Monteiro Lobato ensaia alguns esboços, ilustrando-as de forma menos ou mais relacionada com o seu conteúdo. Por isso, dividi essas ilustrações encontradas nas cartas em duas categorias: ilustrações acessórias e ilustrações coadjuvantes.

Ilustrações acessórias

Denomino ilustrações acessórias aquelas que guardam menor ou nenhuma relação com o conteúdo da carta.

Um exemplo desse procedimento é a carta seguinte, em que, no alto do verso da 1ª folha, há dois pequenos desenhos, acompanhados do seguinte texto: “*Desenho do Rangel no trem: / [desenho] leitão triste / [desenho] leitão alegre*”.



Carta MLb 3.1.00007
Fundo Monteiro Lobato
CEDAE – IEL – UNICAMP

Nenhum dos dois desenhos guarda qualquer relação, por menor que seja, com o conteúdo da carta em que aparecem. Outra carta bastante interessante é a seguinte, sem data, mas possivelmente do ano de 1906, se confiarmos na informação extraída do volume *Cartas de amor*,

publicado em 1969. Há, no manuscrito original, dois pequenos “enigmas” em francês, que misturam abreviaturas e desenhos, e que, quando da publicação em livro, foram simplesmente omitidos, e sequer mencionados, nem mesmo em nota explicativa. Os “enigmas” querem dizer: “Ne me souris tu encore?”, ou seja, “tu não me sorris ainda?”, e “Ne me souris tu toujours?”, em português, “tu não me sorris sempre?” Eles brincam com a homofonia de “souris” em francês, que pode ser tanto o substantivo “camundongo” quanto a 2ª pessoa do singular do verbo *sourir* (sorrir). Vejamos o trecho da carta em que aparecem:

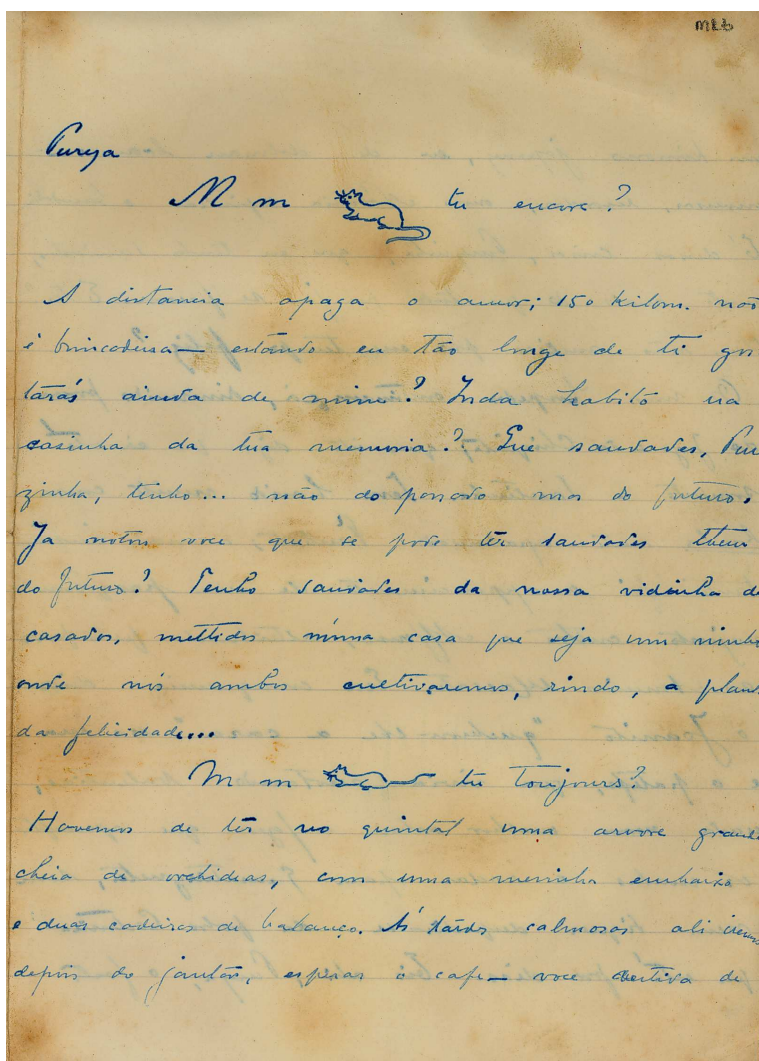
Pureza

[Ne me souris tu encore?]

A distância apaga o amor; 150 quilôm. não é brincadeira – estando eu tão longe de ti gostarás ainda de mim? Inda habito na casinha da tua memória? Que saudades, Purezinha, tenho... não do passado mas do futuro. Já notou você que se pode ter saudades também do futuro? Tenho saudades da nossa vidinha de casados, metidos numa casa que seja um ninho onde nós ambos cultivaremos, rindo, a planta da felicidade...

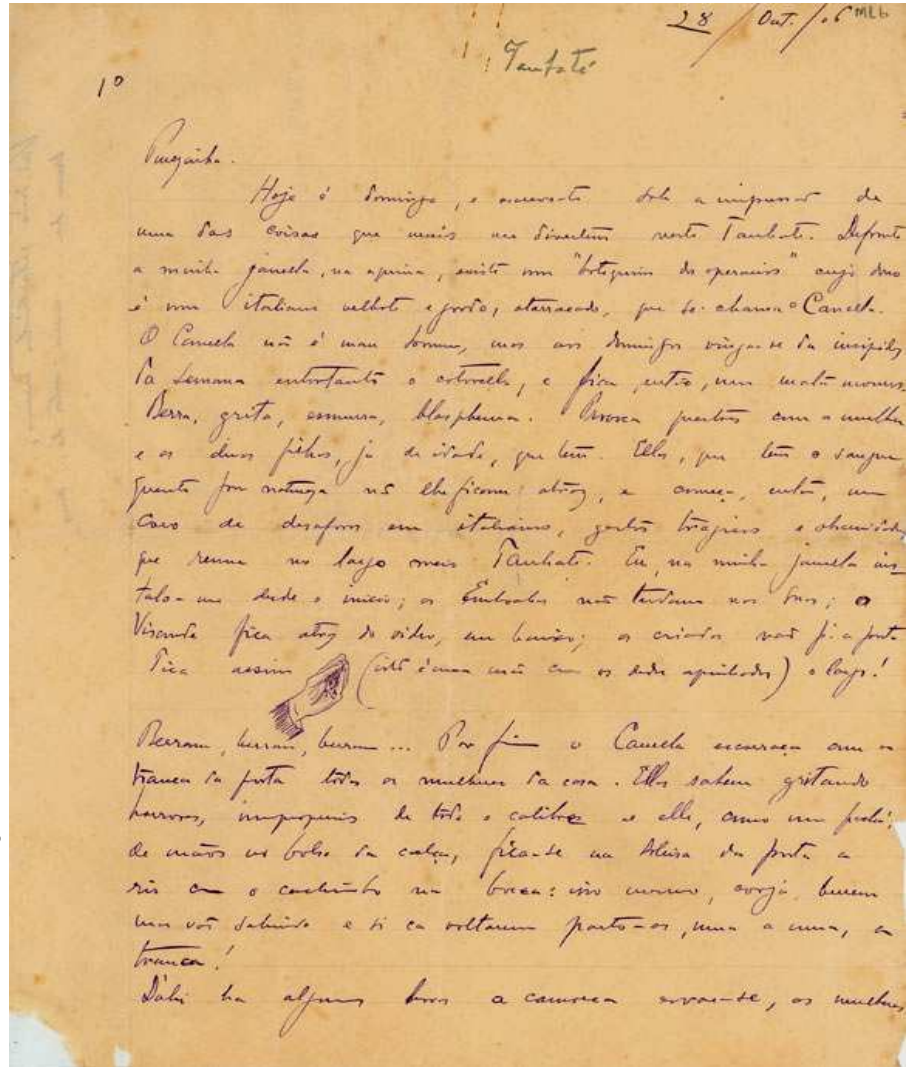
[Ne me souris tu toujours?]

Havemos de ter no quintal uma árvore grande cheia de orquídeas, com uma mesinha embaixo e duas cadeiras de balanço. Às tardes calmosas aí iremos depois do jantar, esperar o café – você vestida de um quimono japonês, eu de dólma branco – conversar, recordar, ouvir Noêmia ripinicar o bandolim. É dessas coisas, Purezinha, que eu tenho saudades, muito mais do que tudo que já se passou. E tu? também não anseias por esse tempo feliz? (MLb 3.1.00006)



Primeira folha da carta MLb 3.1.00006 cx1, em que se leem os “enigmas” em francês (Fundo Monteiro Lobato – CEDAE – IEL – UNICAMP)

Eu, na minha janela, instalo-me desde o início; as Emboabas não tardam nas suas; o Visconde fica atrás do vidro, embaixo; os criados vão para a porta. Fica assim (isto é uma mão com os dedos apinhados) o largo! Berram, berram, berram... Por fim o Canella escorraça com a tranca da porta todas as mulheres da casa.



Carta MLb 3.1.00013
Fundo Monteiro Lobato
CEDAE – IEL – UNICAMP

Para indicar a grande quantidade de pessoas que afluíam para assistir ao “espetáculo” dos italianos, Lobato não se contenta em descrever a cena: acrescenta ao texto o desenho de uma mão apinhada, gesto que, possivelmente, teria usado para demonstrar à destinatária, sua noiva, o grande número de espectadores, caso estivesse frente a frente com ela, em animada conversa. Como o tem de fazer por carta – conversa escrita por definição –, acresce ao texto o desenho, não sem uma explicação entre parênteses, para que não reste nenhuma dúvida de sua intenção.

Um outro exemplo desse procedimento é a carta a seguir, enviada de Areias e datada de 02 de abril de 1907:

Minha adorada noivinha

O correio chega às 4 horas nas costas de um burrinho; às 4 ½ principia a distribuição e como não há carteiros cada um vai chegando e tomando lugar na agência; o agente, um velho de óculos, Seu Eugênio de Moraes, lê, então, os sobrescritos:

– Sr. Dr. Promotor

– Presente!

Com que febre estendi a mão para as duas únicas cartas que o agente me apresentou. Uma era do Eugênio, a outra... Purezinha, se em Taubaté as tuas cartas me eram um grande prazer aqui são o único grande prazer que posso ter. Li-a na rua e reli-a em casa e neste momento, à medida que vou escrevendo, choco-a de instante em instante com o olhar saudoso. Aspiro o leve perfume que a aromatiza e esse perfume me penetra o olfato da alma e fala-lhe de ti eloqüentemente. Que mundo, uma cartinha tua! Que prodígio, esse, de uma simples folha de papel cheia de caracteres ortográficos enebriar os sentidos, embriagar a alma, falar aos olhos, ao olfato, ao espírito, reavivar a Saudade, vitalizar a Esperança! Tanto consegue o Amor!

Sábado tivemos o animado baile que foi uma surpresa. As moças dançaram todas com perfeição. Há uma, Amalie Sampaio, que é a flor da cidade e um silfo na dança. O baile foi nosso, meu e do Carlos de Barros Monteiro delegado. Dançamos com todas elas uma por uma, dissemos-lhes os enganamentos do estilo e demos um sortão. Da minha parte confesso que o devo exclusivamente a ti que me ensinaste a dançar. Houve brinquedo de adivinhação; duas sortes, uma dele, outra minha. Não calculas a nossa cotação. Somos figuras importantíssimas e acatadíssimas. Moramos juntos num grande sobrado com mais dois excelentes rapazes fluminenses que têm loja de fazenda aqui, Samuel e Ismael Miller. Uma verdadeira república que tem estado constantemente cheia de visitantes. Inda há pouco cá se achavam reunidos o Comendador Júlio Sampaio, chefe político, o Sr. J. M. Carvalho, a 1ª fortuna do lugar, um professor público e o Comendador Marques um hoteleiro.

Outras vezes reunimo-nos à noite em casa do Dr. Hermógenes, o juiz de Dº. um distintíssimo moço que é adorado no lugar. A sociedade é restrita mas bem boazinha. Casado, eu teria a coragem de morar aqui. Mas como estou, arcando com o peso das saudades de minha adorada Purezinha é impossível. O pico do Itatiaia fica muito perto daqui de modo que já projetei e está em caminho de realização uma subida às Agulhas Negras ponto culminante do Brasil. Há lá neves eternas... Vê só que delícia não será esse passeio. Infelizmente fá-lo-ei sem você, mas nem que cá estivesse não serias companheira para ele. És tão mimosa para andar... A ladeira de Santo Amaro cansa-te tanto... Tinhas a coragem de subir a 3.000 metros acima do nível do mar? Adeus meu adorado bem, escreve-me o maior número de vezes que puderes; lembra-te que são tuas cartas tudo para mim e que as espero e as leio ansiosa e febrilmente. Um milhão de abraços e beijos do teu, só teu, sempre teu

Juca

[desenho na quarta e última página da carta da cidade de Areias, com as seguintes legendas: à esquerda –PADARIA DO POVO / chafariz / Praça em declive, gramada ; à direita – Judas / O que se vê duma janela da minha sala. De cabeça para baixo, o desenho de um rosto, com a seguinte legenda: (Comdor. Sampaio)]
(MLb 3.1.00031)

Toda a última página da carta foi tomada por uma série de desenhos, por meio dos quais Lobato pretendia dar à noiva uma amostra do que via na cidade (inclusive a caricatura de um

figurão da política local, o Comendador Sampaio, a quem alude no corpo da carta) a que acabava de chegar para exercer as funções de promotor público, como podemos verificar na reprodução a seguir:



Carta MLb 3.1.00031 – Fundo Monteiro Lobato – CEDAE – IEL – UNICAMP

O mesmo procedimento é adotado no topo da primeira página do manuscrito de uma carta escrita de Areias e datada de 12 de novembro de 1907, cuja reprodução vem em seguida:

[há um desenho de um casarão, provavelmente o mesmo a que se refere Lobato na carta]

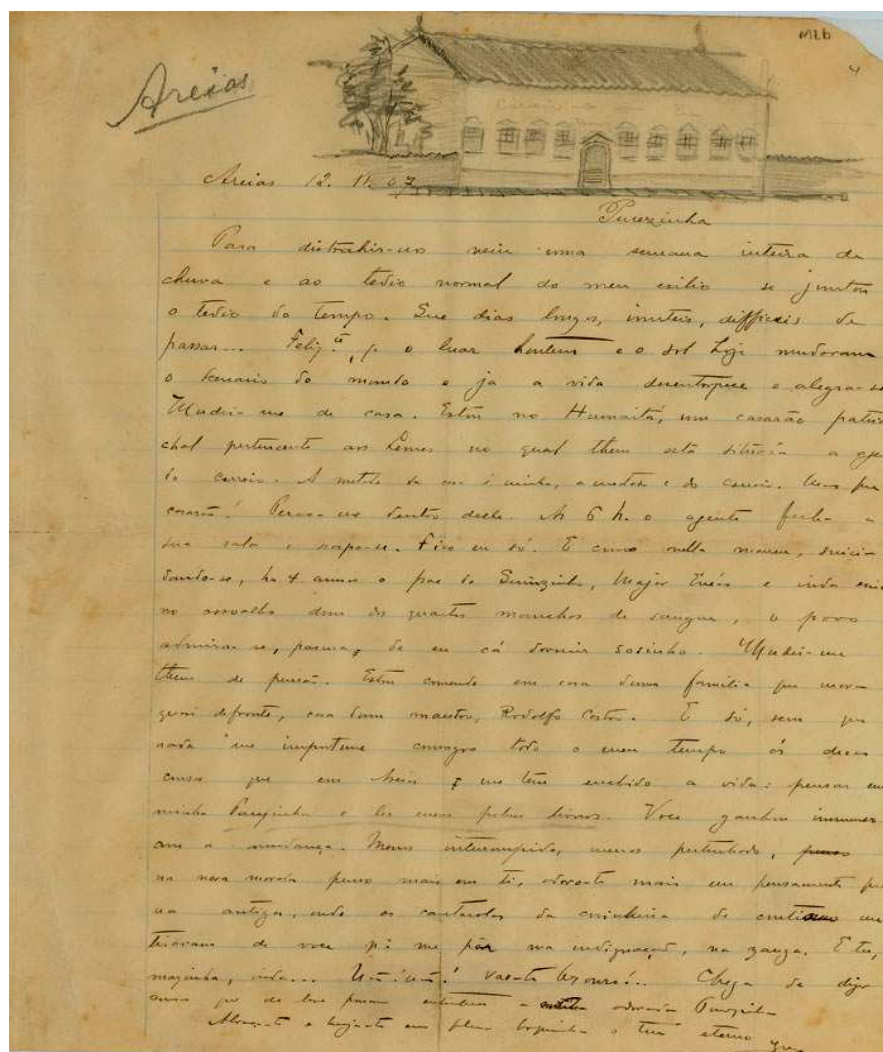
Areias, 12.11.07

Purezinha

Para distrair-nos veio uma semana inteira de chuva e ao tédio normal do meu exílio se juntou o tédio do tempo. Que dias longos, inúteis, difíceis de passar... Felizmente que o luar ontem e o sol hoje mudaram o cenário do mundo e já a vida desentorpece e alegra-se.

Mudei-me de casa. Estou no Humaitá, um casarão patriarcal pertencente aos Lemes no qual também está situada a agência do correio. A metade da casa é minha, a

metade é do correio. Mas que casarão! Perco-me dentro dele. Às 6 h. o agente fecha a sua sala e raspa-se. Fico eu só. E como nela morreu, suicidando-se, há 4 anos o pai do Quinzinho, Major Enéas e inda existe no assoalho dum dos quartos manchas de sangue, o povo admira-se, pasma de eu cá dormir sozinho. (MLb 3.1.00101)



Carta MLb 3.1.00101
Fundo Monteiro Lobato
CEDAE – IEL – UNICAMP

Parece não bastar a Lobato a descrição em palavras da nova residência, por mais minuciosa que seja. É preciso descrevê-la pictoricamente, é preciso esboçá-la, é preciso compartilhar com a noiva o que seus olhos veem, como se os olhos dele fossem os dela.

Confirma ainda essa hipótese – a da insuficiência do texto da carta para traduzir à destinatária imagens e sensações – a carta seguinte, escrita na Bocaina (em uma fazenda que Lobato costumava visitar regularmente), no início do ano de 1908, a poucos meses do casamento, que ocorreria a 28 de março desse mesmo ano:

Bocaina, Invernada do Pinhal

Purezinha

Por mais que dê largas à tua imaginação não suspeitarás onde estou e como te escrevo. Estou sozinho numa invernada, a 50 braças da casa do campeiro, eu, aqui, ele lá, e só, em 500 alqueires de campo. Estou sentado à porta, tendo em minha frente a morraria linda, os pinheiros, a mata, e uma mangueira com meia dúzia de reses dentro. Na frente da casa há uma varanda e a grade dessa varanda é o que vês no esboço acima; a mangueira e o gado vê-se por detrás da grade. A solidão e o silêncio são completos. Só o bem-te-vi e, de raro em raro o gavião quebram o silêncio magnífico. Também o vento às vezes, farfalhando os pinheiros. O meu companheiro, o Baroni, foi logo depois do almoço e fiquei só. Jantei com colher de estanho emprestada pelo campeiro. Há pêssegos como nunca vi em tamanha quantidade. As árvores, derreadas, deitam para o chão os galhos apinhados. E nem um bicho para remédio. Não fosse a grande distância que nos separa e te mandaria um cargueiro. Mas é muito ir daqui do Orizaba a Areias, de Areias a Queluz, de Queluz a S. Paulo, fica muito comprido. Encontrei uns velhos livros que me têm feito companhia. Entre eles estão Platão (por estas alturas!) em suas obras completas, e Nicolau Tolentino – esse horrível lamuriento.

Chove. É horrível a chuva aqui, produz uma tristeza imensa, sem nome. Perdi o dia, não pude fazer nada por causa dela. Vamos ver amanhã.

Uma vaca berrou longe. Triste... Como escurece os grilos da noite já começam a chiar. Há um grilo que é peculiar destas regiões; canta como um diapasão de piano em falso, tremido. Encontrei-me com 3 cobras e como ia a cavalo pus-me a observá-las e acompanhá-las pelo meio do campo. É um animal lindo assim, pilhado em flagrante; por uma cobra morta não se pode imaginar a graça, a elegância dos coleios de uma com vida. Vem chegando mais vacas para o curral, mugindo. Uma queimada parou na porteira para se coçar no mancarrão. Penso constantemente em você, posso mesmo dizer que não estou só, tanto me fazes companhia, tanto a imaginação trabalha em figurar a realidade. Quantas intermináveis palestras travo contigo. Tudo que vejo de novo te mostro, te conto, te explico. Já na vinda figurei que vinhas ao meu lado e te ia contando tudo – aquele fica lá, é o Boa Vista, este aqui os Burrinhos – Esse passarinho que cantou é o soldado – aquela árvore é o cambuí – and so far.

Adeus, Purezinha e recebe o abraço do
que nunca, nem um só instante
te esquece

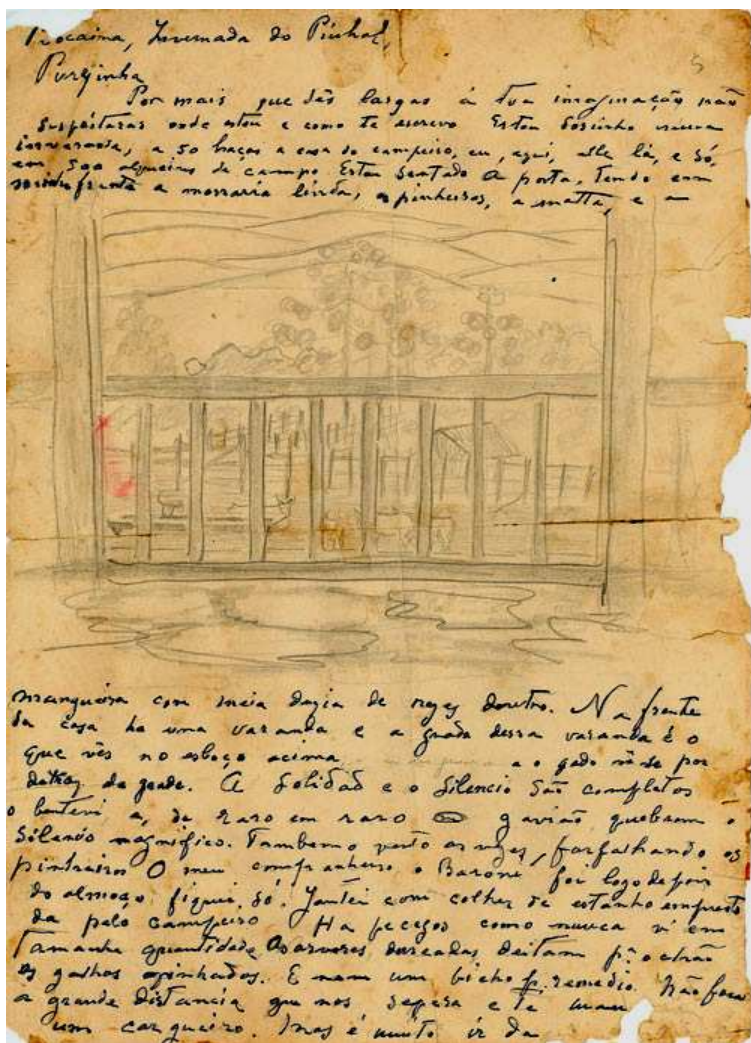
Juca

[no verso da última folha, capa do “Catálogo”]

Não há tinta nem papel aqui. Felizmente eu tive a idéia de trazer envelopes já sobrescritados e selados. (MLb 3.1.00152)

Não encontrando nem papel, nem tinta – a carta havia sido escrita primeiramente a lápis e foi posteriormente preenchida por cima a tinta – para escrevê-la, Lobato utilizou-se da capa e página de índice de um catálogo de partituras. E não é só. O remetente abre a carta, após um vocativo simples, interrogando a destinatária sobre o lugar de onde escreve. Passa, então, a descrever todo o cenário à sua volta. Não contente com isso – e provavelmente considerando a carta um veículo insuficiente para descrever e demonstrar tudo o que via e queria –, Lobato inclui um desenho no meio da carta, entre as

expressões “a mangueira” e “e o gado”, desenho que retrata a visão que tinha a partir do lugar de onde escrevia, como podemos verificar pela reprodução a seguir:



Carta MLb 3.1.00152
Fundo Monteiro Lobato
CEDAE – IEL – UNICAMP

É do exercício de suas funções como promotor público em Areias, porém, que se origina uma das cartas mais curiosas, datada de 09 de setembro de 1907, em que Lobato narra o suicídio de um homem na prisão, da qual lemos um trecho a seguir:

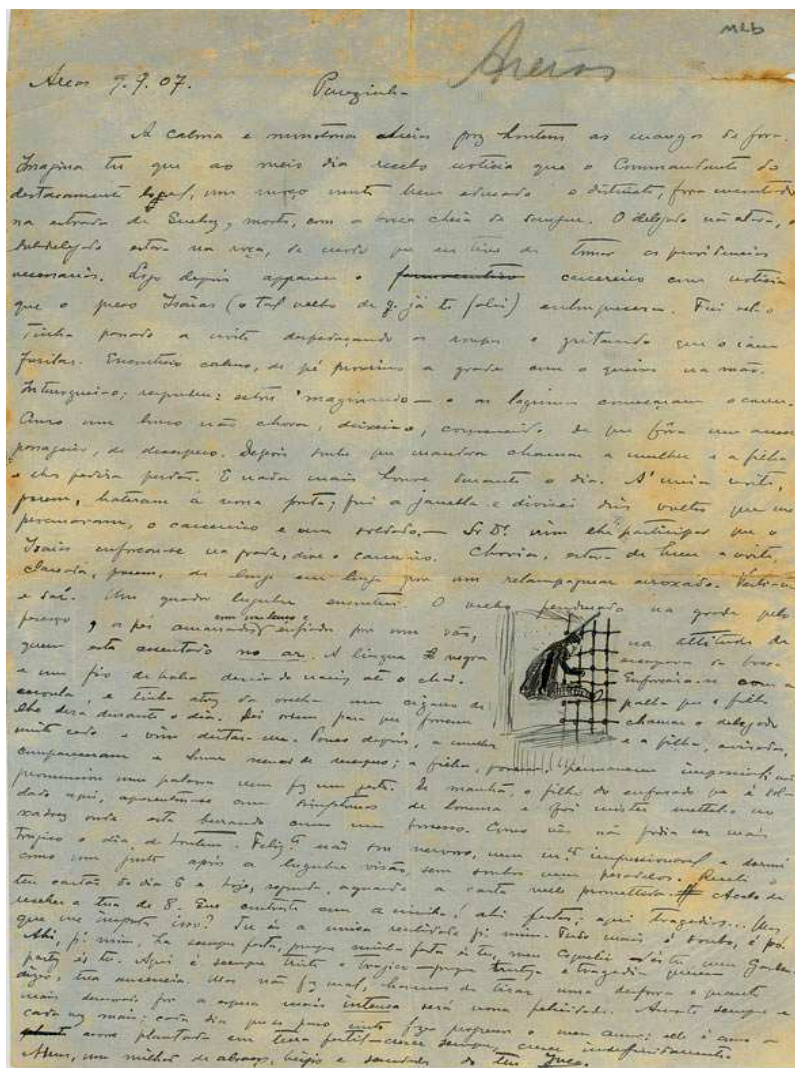
Areias 9.9.07

Purezinha

A calma e monótona Areias pôs ontem as mangas de fora. Imagina tu que ao meio dia recebo notícia que o Comandante do destacamento local, um moço muito bem educado e distinto, fora encontrado na estrada de Queluz, morto, com a boca cheia de sangue. O delegado não estava, o subdelegado estava na roça, de modo que eu tive de tomar as providências necessárias. Logo depois apareceu o carcereiro com notícia que o preso Isaías (o tal velho de que já te falei) enlouquecera. Fui vê-lo. Tinha passado a noite despedaçando as roupas e gritando que o iam fuzilar. Encontrei-o calmo, de pé próximo à grade, com o queixo na mão. Interroguei-o; respondeu estou maginando – e as lágrimas começaram a correr. Como um louco não chora, deixei-o, convencido de que fora um acesso passageiro, de desespero. Depois soube que mandara chamar a mulher e a filha e lhes pedira perdão. E nada mais houve durante o dia. À meia noite, porém, bateram à nossa porta; fui à janela

e divisei dois vultos que me procuravam, o carcereiro e um soldado. – Sr. Dr. vim lhe participar que o Isaías enforcou-se na grade, disse o carcereiro. Chovia, estava de breu a noite, clareada, porém, de longe, por um relampaguear arroxado. Vesti-me e saí. Um quadro lúgubre encontrei. O velho pendurado [há um desenho de Lobato no manuscrito] na grade pelo pescoço, os pés amarrados com um lenço e enfiados por um vão, na atitude de quem está assentado no ar. A língua negra escapava da boca e um fio de baba descia do nariz até o chão. Enforcara-se com a ceroula e tinha atrás da orelha um cigarro de palha que o filho lhe dera durante o dia. Dei ordem para que fossem chamar o delegado muito cedo e vim deitar-me. Pouco depois, a mulher e a filha, avisadas, compareceram e houve cenas de desespero; a filha, porém, permaneceu impassível; não pronunciou uma palavra nem fez um gesto. De manhã, o filho do enforcado que é soldado aqui, apresentou-se com sintomas de loucura e foi mister metê-lo no xadrez onde está berrando como um possesso. Como vês não podia ser mais trágico o dia de ontem. Felizmente não sou nervoso, nem muito impressionável e dormi como um justo após a lúgubre visão, sem sonhos nem pesadelos. (MLb 3.1.00068)

No meio da carta, Lobato insere um desenho que, ao lado das palavras, reforça a crua imagem do homem enforcado nas grades do cárcere: é esse “quadro lúgubre”⁴ que o remetente procura, em seu desenho, esboçar para sua destinatária, como podemos ver na reprodução a seguir:

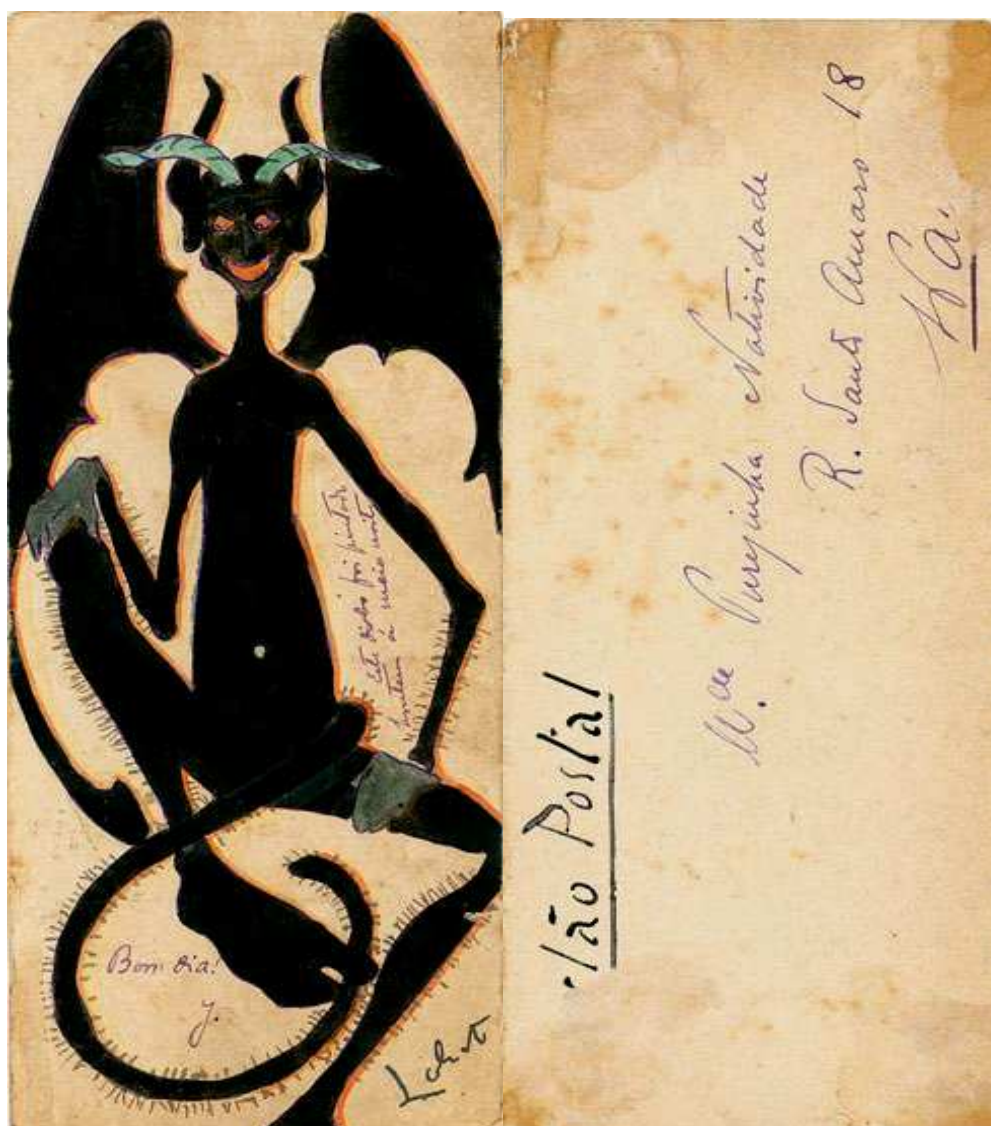


Carta MLb 3.1.00068
Fundo Monteiro Lobato
CEDAE – IEL – UNICAMP

⁴ É interessante registrar que esse “quadro lúgubre” – o de um homem que se enforcou com sua ceroula – seria aproveitado por Lobato, anos mais tarde, num de seus mais célebres contos, “O engraçado arrependido”, de *Urupês* (1918).

Ut pictura poesis

È num cartão-postal de 1906⁵, porém, que a interação texto-imagem e imagem-texto atinge o seu ápice. Desenhado pelo próprio Lobato, o cartão estampa a figura de um esguio diabo alado, todo negro, com mãos e chifres verdes e olhos e boca vermelhos. No texto do cartão, como podemos ler a seguir, uma alusão ao desenho e a informação de que foi pintado “à meia noite”:



Carta MLb 3.1.00146

Fundo Monteiro
Lobato

CEDAE – IEL –
UNICAMP

[frente]
*Este diabo foi pintado
ontem à meia noite.
Bom dia!
J.*

[verso]
Cartão Postal

*Mlle. Purezinha
Natividade
R. Santo Amaro 18
S. Paulo*

Por que Lobato teria escolhido tema tão tétrico num cartão dirigido à noiva? Na carta MLb 3.1.00016 cx1, datada de 11 de junho de 1906, a chave para o enigma: “Esta manhã passei a pintar cartões e num deles fiz um diabo horrendo que receberás amanhã; lá digo que foi pintado à meia noite, mas só para te assustar”.

⁵ Publicado em LOBATO, Monteiro. *Quando o carteiro chegou... Cartões-postais a Purezinha*. Organização e apresentação de Marisa Lajolo. Transcrição e notas de Emerson Tin. São Paulo: Moderna, 2006, pp. 24-25.

Considerações finais

Todos esses desenhos de Lobato, inseridos no meio de suas cartas, não constituem mera ilustração, não são simplesmente desenhos a embelezar a correspondência. Mesmo quando não diretamente ligados ao conteúdo da carta (o caso do que chamamos de *ilustrações acessórias*), os desenhos apresentam uma importante função. Podemos ver aqui, nesse sentido, o fenômeno de presentificação dos correspondentes por meio da carta. Como afirma Luiz Felipe Baêta Neves,

a carta é a presença de uma ausência. A carta, tradicionalmente (funcionalmente), é vista apenas como uma forma de comunicação. Mas, ela pode comunicar uma falta, uma distância. Em princípio, o destinatário não está presente; a carta é, assim, a reiteração de um afastamento (NEVES, 1988, 191)

Ora, se a carta torna presentes os ausentes, se remetente e destinatário encontram-se por meio da carta, o que é visto pelo remetente não seria visto também pelo destinatário? Se esse argumento é aceitável, certamente com mais força o será no contexto de uma relação amorosa, em que os apaixonados entregam-se um ao outro em cada linha da correspondência. No caso específico de Lobato, porém, esse fenômeno da presentificação dos apaixonados por meio da carta adquire outra dimensão, justamente nesse diálogo estabelecido entre o texto e a imagem. De algum modo, pode-se lembrar aqui a observação de Marisa Lajolo a respeito dos cartões-postais do escritor:

Também no traçado caprichoso das letras, desenhadas de forma a comporem um todo harmonioso [...], podemos encontrar o artista plástico de gosto requintado [...]. Assim, nas mãos de um correspondente tão íntimo da palavra escrita como Monteiro Lobato, vemos que o gesto de escrever pode sempre ser uma forma de criação, ainda que em espaços apertados e convencionais como um cartão-postal. (LOBATO, 2006, 19)

Podemos supor que, nessa íntima interação entre texto e imagem, entre imagem e texto, Lobato, por meio da correspondência, alimentava a relação amorosa com a noiva, ao mesmo tempo que com ela reforçava, pouco a pouco, a cumplicidade.

Bibliografia

LOBATO, Monteiro. *Cartas a Purezinha*. Manuscritos originais depositados no Fundo Monteiro Lobato do Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio. Campinas: IEL/UNICAMP (MLb 3.1.00006, MLb 3.1.00007, MLb 3.1.00010, MLb 3.1.00012, MLb 3.1.00013, MLb 3.1.00031, MLb 3.1.00068, MLb 3.1.00101, MLb 3.1.00146, MLb 3.1.00152).

_____. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1964, 2t.

- _____. *Cartas de amor*. Prefácio, compilação e notas de Cordélia Fontainha Seta. São Paulo: Brasiliense, 1969.
- _____. *Quando o carteiro chegou... Cartões-postais a Purezinha*. Organização e apresentação de Marisa Lajolo. Transcrição e notas de Emerson Tin. São Paulo: Moderna, 2006.
- MAJAKOVSKIJ, Vladimir. *Cartas de amor a Lilja Brik (1917-1930)*. Desenhos originais de Majakovskij. Tradução de João Amendola. São Paulo: Hemus, 1973, p.44.
- NEVES, Luiz Felipe Baeta. Para uma teoria da carta – Notas de pesquisa. In: _____. *As máscaras da totalidade totalitária – Memória e produção sociais*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988, pp.191-195.
- SETA, Cordélia Fontainha. Prefácio. In: LOBATO, Monteiro. *Cartas de amor*. Prefácio, compilação e notas de Cordélia Fontainha Seta. São Paulo: Brasiliense, 1969, pp. IX-XI.
- SETTE, Mário. *Memórias íntimas: caminhos de um coração*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1980.
- TIN, Emerson. *A barca de Gleyre: uma metáfora para a viagem epistolar de Monteiro Lobato e Godofredo Rangel*. *Intersecções – Revista de Estudos sobre Práticas Discursivas e Textuais*, v.1, p. 1-10, 2008. Disponível em: http://www.anchieta.br/unianchieta/revistas/interseccoes/artigos/Rev_Inter_Emerson_pdf.pdf Acesso em: 29 ago. 2010.
- TOSI, Renzo. *Dicionário de sentenças latinas e gregas*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2000.